

# Atenção farmacêutica: nossa origem, identidade e futuro

Jaldo de Souza Santos,  
Presidente do Conselho Federal de Farmácia



Não pode haver fortalecimento da atenção farmacêutica, sem o farmacêutico na farmácia. Por isso, a prioridade desta nossa gestão é levar o profissional ao estabelecimento

A categoria farmacêutica brasileira vem experimentando transformações profundas de toda ordem e disso já falamos, aqui. Do ensino, em nível de graduação, à reciclagem profissional, estamos mudando a uma velocidade inacreditável. Por exemplo, a educação farmacêutica acaba de sofrer talvez a mais substancial de suas mudanças, com a instituição da formação em generalista, em nível de graduação. Essa novidade foi aprovada recentemente pelo Conselho Nacional de Educação. A formação generalista tem origem em uma proposta apresentada e aprovada pela categoria, no "I Fórum de Avaliação das Diretrizes Curriculares", realizado pelo CFF, no ano passado.

Mas as mudanças ainda não são tudo o que gostaríamos que acontecesse. Falta algo que é "visceral" para a categoria e para a sociedade e, uma vez conquistado, representará a maior virada de mesa no seio da profissão. É também a mais difícil delas, por envolver interesses gigantescos situados fora da categoria. Estou falando de materializar um grande sonho: o de todas as farmácias do País manterem o farmacêutico presente, prestando à população os seus valiosos serviços.

Pois, caro leitor, com todos os desafios e dificuldades, levar o farmacêutico para a farmácia será a prioridade máxima desta

nossa nova gestão à frente do Conselho Federal. O desafio é hercúleo, não resta dúvida, mas não podemos nos dar o direito de temê-lo.

Nas duas gestões anteriores, promovemos reuniões com diretores de Conselhos Regionais e de entidades farmacêuticas, com o objetivo de fecharmos propostas que levassem à atenção farmacêutica plena. Alguns Estados e Municípios conquistaram grandes progressos, nesse sentido. Entretanto, ainda é pouco.

Nós, que sempre clamamos pela universalização do acesso da população ao medicamento e ao atendimento médico-hospitalar; nós, que lutamos pela criação de uma política de medicamentos genéricos que previsse a substituição de um produto de marca por um genérico como um ato exclusivo do farmacêutico, não podemos, agora, deixar de universalizar a atenção farmacêutica que, aliás, é um direito do cidadão. Aliás, é uma grande falta de senso nossa, para não dizer de responsabilidade, vivermos mergulhados nessa dualidade. Afinal, os genéricos estão, aí. Mas, tristemente, o processo de intercambialidade está caindo nas mãos do leigo balconista, que em nada pode orientar o usuário sobre o produto. Até porque a intercambialidade deve ser cercada de cuidados à luz da ciência farmacêutica.

Para universalizar a atenção farmacêutica, precisamos criar condições ideais. Uma delas já está em construção, que é a oferta de cursos de reciclagem, com o objetivo de aprofundar a qualificação profissional. Nesse sentido, iremos ampliar o número desses eventos, atingindo o País inteiro. O profissional altamente qualificado, com plenos conhecimentos, tem o seu preço. Os seus serviços valem ouro. Além disso, com mais qualificação, poderemos atender bem a população, prestando-lhe melhores serviços.

Qualificado, o farmacêutico torna-se seguro para enfrentar as mais diversas situações, no balcão de uma farmácia ou dentro de um hospital. Já estamos absorvendo a filosofia da farmácia clínica. Ela

nos fez profissionais de inúmeras responsabilidades dentro das farmácias e hospitais, mas, em contrapartida, impôs-nos uma carga de cobranças muito grande.

Além da qualificação, há outros caminhos a percorrer. Um é o de nos aproximarmos de órgãos públicos, como o Procon, as vigilâncias sanitárias dos Estados e Municípios, o Ministério Público e dos próprios sindicatos de proprietários de farmácia. Vamos procurá-los, levando a bandeira da saúde e do quanto a farmácia e o farmacêutico podem fazer para melhorar a saúde deste País.

Não pretendemos nos encontrar com representantes desses órgãos apenas para breves ou longas conversas sem conseqüências. Belém (PA) é o exemplo de que é necessário que alinhavemos, logo, um plano que leve à atenção plena. Mas que seja um plano claro e repleto de direito e obrigações cuja desobediência resulte, por exemplo, no fechamento do estabelecimento. O envolvimento desses parceiros dá mais densidade e conseqüência à fiscalização às farmácias. Nós, de nossa parte, intensificaremos a fiscalização aos farmacêuticos.

A resistência de alguns estabelecimentos (farmácias e drogarias comunitárias e hospitalares) em não manter o farmacêutico no local de trabalho constitui na principal dificuldade que encontraremos para chegar à atenção plena. Daí, a necessidade de estarmos juntos com o Procon, o Ministério Público e as vigilâncias sanitárias, principalmente.

Acima de qualquer comentário de ordem sanitária e social, a atenção farmacêutica é a alma da profissão. Queiramos ou não, sempre estivemos e sempre estaremos identificados como profissionais do medicamento. Como este está relacionado à terapêutica, e a terapêutica está relacionada ao paciente, significa dizer que somos profissionais do medicamento associado ao paciente. É ao medicamento/paciente que estamos ligados pelo nosso cordão umbilical histórico. Portanto, está no medicamento a nossa origem, a nossa história, o nosso futuro. Preservar essa identidade é uma questão de vida profissional. E não há um farmacêutico que não queira estar do lado de cá desta luta. É a nossa classe em questão.

Para que não me entendam mal, gostaria de dizer que priorizar a atenção farmacêutica, sob esta perspectiva, é também uma maneira de fortalecer os demais segmentos farmacêuticos. Afinal, somos todos profissionais de uma mesma Farmácia que, fortalecida em sua origem e em sua identidade, estará forte em seu conjunto.